

Hélène Montardre

ZEUS

**e a conquista
do Olimpo**

apêndice

Marie-Thérèse a

tradução

Dorothée de Bruchard



copyright © 2008 by Éditions Nathan, Paris, França

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Zeus à la conquête de l'Olympe

Projeto gráfico

Kiko Farkas e Thiago Lacaz /Máquina Estúdio

Ilustração da capa

Iuri Lioi

Revisão

Jane Pessoa

Huendel Viana

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação [cip]

[Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil]

Montardre, Hélène

Zeus e a conquista do Olimpo / Hélène Montardre; apêndice

Marie-Thérèse Davidson; tradução Dorothée de Bruchard.

— 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Zeus à la conquête de l'Olympe.

ISBN 978-85-359-2046-8

1. Mitologia grega — Literatura juvenil I. Davidson,

Marie-Thérèse. II. Título.

12-00874 COD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Mitologia grega : Literatura juvenil 028.5

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Mapa: o mundo de Zeus 7

1. O bebê escondido 9
2. A conquista do mundo 17
3. A vingança de Zeus 25
4. Todos para o Olimpo! 31
5. O encontro com os ciclopes 35
6. A guerra contra os titãs 43
7. No ventre da Terra 53
8. Os gigantes de cem braços 59
9. Uma prisão no Tártaro 63
10. O medonho Tifão 69
11. Zeus, rei dos deuses 77
12. Uma esposa para Zeus 83
13. Tal como Cronos! 91
14. Um nascimento misterioso 97
15. Um novo casamento 101
16. Para ocupar os deuses... 109

Genealogia de Zeus 116

Os filhos de Zeus 118

Apêndice — Para conhecer melhor Zeus 121

Glossário 133

Sobre a autora 139

O BEBÊ ESCONDIDO

Amulher caminhava depressa, de cabeça baixa, apertando junto ao peito um pacote enrolado em trapos. Não sentia medo. Nem da escuridão, nem da montanha que se erguia à sua frente, nem do longo caminho que ainda tinha a percorrer. Também não sentira medo ao atravessar o mar que ainda rugia atrás dela, e cujo estrondo se dissipava à medida que ela se distanciava da praia.

Um passo, mais um, e mais um... Nada iria detê-la. Ela era incansável.

A trilha penetrou na floresta e a escuridão aumentou.

Isso, estranhamente, deixou-a mais tranquila. Ponderou que assim, abrigada pelas árvores, ninguém poderia avistá-la, nem esse de quem fugia, nem algum outro que pudesse denunciá-la.

Nos seus braços, o pacote era leve. Às vezes ela erguia um pedaço de pano para contemplar o conteúdo e tornava a abaixá-lo depressa. Esse alguém visse! Embora ainda não tivesse cruzado com ninguém desde que chegara ao litoral de Creta.

Quando ela saiu da floresta, a aurora surgia. A trilha subia agarrada à montanha, e ela subiu também. Depois descia até um pequeno vale, e ela fez o mesmo. Contemplou, preocupada, o esplêndido clarão rosado que anunciava a chegada do sol. Apertou o passo.

E, de repente, avistou-as.

Três mulheres jovens.

Estavam paradas junto a uma gruta, cuja entrada se escondia por trás de um véu de folhas. Uma delas se espreguiçava, indolente, com o rosto voltado para o céu; a outra arrumava o cabelo, com os braços erguidos num gesto gracioso; a terceira estava inclinada, amarrando uma sandália ao pé miúdo.

A mulher prendeu a respiração.

Tinha chegado ao seu destino.

Tinha descoberto o refúgio das ninfas.*

Faltava apenas convencê-las.

Aproximou-se calculando os passos. A que ajeitava o cabelo fitou-a com um olhar dourado e declarou calmamente:

— Temos visita.

As outras duas olharam em sua direção.

A mulher sentiu-se intimidada, feia, velha, suja. Mas aprumou-se e foi em frente, movida por uma energia feroz.

— Bom dia! — disse, parando diante das ninfas.

Estas lhe perguntaram, curiosas:

— Bom dia, estrangeira. Quem é você? Qual é o seu nome? Como foi que nos encontrou? O que quer de nós?

— Meu nome é Reia — informou a mulher. — Estou aqui a conselho de minha mãe.

— Sua mãe? — indagou uma das ninfas.

— Gaia* — respondeu a mulher.

— Gaia — repetiram as ninfas, como um eco.

Aquele nome causou o efeito esperado. Elas fitaram Reia com um novo olhar e lhe fizeram uma batelada de perguntas.

* O significado das palavras assinaladas com asterisco se encontra no glossário no fim do volume.

- Gaia é a Terra, não é?
- E você então seria uma de suas filhas?
- Por que foi se aconselhar com ela?
- Por que motivo ela a mandou nos procurar?
- O que você espera de nós?
- O que você traz em seus braços?

Reia não respondeu. Apenas apartou o pano que envolvia o seu fardo, revelando um minúsculo rostinho rosado.

As ninfas se inclinaram, curiosas.

O bebê estava acordado. Fitava-as com olhos bem abertos, e pousou um olhar sério em cada uma.

Elas riram, maravilhadas.

- Que bonitinho! — exclamou a primeira.
- Que pequenino! — cantarolou a segunda.
- A criança é sua? — indagou a terceira.
- É o meu caçula — murmurou a mulher. — Um menino.
- Que sorte a sua! — exclamaram as ninfas. — Ele é lindo!

Reia balançou a cabeça e retrucou, com a voz repleta de soluços:

— Não tenho sorte, não. E é por isso que vim procurá-las. Estão vendo este pequenino? Só vocês podem salvá-lo. Se recusarem, ele terá um destino terrível. Igual aos outros... — concluiu com voz sombria.

— Como assim, “igual aos outros”?

— Cronos... — a mulher começou a dizer.

Ao ouvir o nome do titã,* as ninfas estremeceram.

— É o meu esposo — prosseguiu Reia com dificuldade.

— Já dei a ele vários filhos: dois meninos e três meninas.

E toda vez, assim que nasciam, ele...

— Ele o quê? — questionaram as ninfas, cheias de curiosidade.

— Ele os devorava! — confessou a mulher.

— Devorava! — exclamaram as ninfas, horrorizadas.

— Que infame!

— Assim, quando eu soube que mais um bebê estava a caminho, não suportei a ideia de ter de abandoná-lo ao mesmo destino e fui procurar minha mãe, Gaia. Ela me aconselhou a trazer o menino para vocês, no maior segredo, antes mesmo que Cronos soubesse do seu nascimento, e disse que vocês poderiam criá-lo, sem que ninguém ficasse sabendo.

— Mas nós nunca cuidamos de nenhuma criança! — observou uma das ninfas.

— Justamente... — arriscou a mulher.

— Justamente! — disse outra ninfa. — Ele vai nos entreter!

— Além disso, estaríamos pregando uma bela peça no velho Cronos — declarou a terceira. — Devorar os pró-

prios filhos... Que vergonha! Mas o que você vai dizer a ele? Ele viu que estava grávida! Decerto vai perguntar onde foi parar o bebê.

— Já pensei em tudo — garantiu Reia. — Vou procurar uma pedra bem grande, envolvê-la em panos e entregar para Cronos. Ele não vai reparar, nem chegou a olhar para os outros filhos. Apenas abriu a boca e, glupt, engoliu. Desta vez vai ser igual.

— Sendo assim, não perca mais tempo. Deixe o menino com a gente. Gaia fez bem em mandar você aqui. Vamos cuidar dele e amá-lo. E vá embora antes que alguém desconfie de alguma coisa. Vivemos aqui solitárias e gostamos desta tranquilidade.

Reia fitou o rosto de seu filho pela última vez. Olhou com cuidado para ele e gravou suas feições na memória. Com um gesto cheio de doçura, desenrolou os panos que o envolviam, revelando o corpo rechonchudo da criança. Um raio de sol pousou em sua barriguinha roliça, as ninfas estenderam as mãos e se extasiaram com a maciez de sua pele, cercando-o de gestos carinhosos. Um riso ligeiro brotou daquele grupo gracioso formado por elas e a criança.

Reia embolou os panos e se afastou. Estava para desaparecer atrás do flanco da colina quando uma ninfa a chamou:

— Você não disse o nome dele!
— Zeus! — ela exclamou, sem se virar. — O nome dele é Zeus.

Ao sair dali, Reia encontrou o que buscava. Uma pedra comprida que pesava o mesmo que seu filho. Embrulhou-a com destreza.

Sem dúvida aquilo o enganaria.

E Cronos se deixou enganar. Quando Reia, submissa, com os olhos baixos, entregou-lhe o pacote, ele abriu bem a boca, jogou nela a pedra com os panos e engoliu tudo de uma vez.

Depois, caiu numa imensa gargalhada.